

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. Da ambigüidade ao equívoco: da resistência da língua nos limites da sintaxe e do discurso. Porto Alegre, Ed. da UFRGS, 2000, 126p.

Resenhado por: Pedro de Souza

Em termos institucionais, a convivência entre as áreas da sintaxe e do discurso, respectivamente como campos talhados sob a vertente gerativa das teorias sintáticas e sob o viés da escola francesa da análise do discurso, não é muito tranquila. Dir-se-ia que vige entre elas, a Sintaxe Gerativa e a Análise do Discurso, uma política de tolerância na distribuição dos territórios do saber sobre a linguagem. Isto porque teoricamente, conforme seus principais signatários e seguidores, uma nada teria a dizer sobre o que de fato interessa à outra.

Se é assim, a que vem a recente publicação do estudo de Maria Cristina Leandro Ferreira tematizando a ambigüidade e o equívoco justamente na fronteira entre dois terrenos mutuamente irredutíveis: a sintaxe e o discurso? A proposta, embora não inédita acerca dos fundamentos que balizam a empreitada – nela estão lucidamente referidos Gadet, Marindin e Milner entre outros – suspende uma espécie de fita isolante minimizando o choque entre esses dois modos de pensar a língua e abre um espaço comum para circulação simultânea de um saber sobre fatos de sintaxe e fatos de discurso.

Nisto consiste a originalidade do trabalho de Leandro Ferreira. Organizando sua explanação em três partes em torno dos fundamentos, da ambigüidade e dos confrontos entre a sintaxe e o discurso, ao pretender demarcar, em verdade, a autora taticamente apaga fronteiras. Simplesmente porque nas páginas de seu livro discursivistas e sintaxistas falam na mesma sala de conversa. Absurdo? Não, se levarmos em conta que para introduzir a idéia de resistência, logo no primeiro parágrafo do primeiro capítulo, Leandro Ferreira joga com a inexorável constatação que mesmo os mais reticentes adeptos do formalismo idealista não podem ignorar: “*não se pode negar a evidência da língua*”, diz ela. “*Ela existe como tal, tem seu corpo, sua materialidade. Isto é inegável. Mas se pode desconfiar dela e de seu efeito de aparente transparência. Mais do que isso, é preciso investigar os mecanismos de funcionamento que produzem um sentido assim para língua*”

De modo muito sutil e instantâneo, esse estudo, resultado de cuidadosa pesquisa, começa derrubando o muro, e convida assim os leitores a observar como, no campo das Ciências da Linguagem, as fronteiras se constituem distinguindo objeto (língua e discurso), delimitando campos de conhecimento (Linguística e Análise de Discurso) e afiando os respectivos dispositivos teóricos e analíticos (o lingüístico e o discursivo). No princípio, não há dentro, nem fora, mas , conforme

adverte a introdução deste livro, uma quase sempre desconfortável posição de entremeio pressupondo contínuos deslocamentos, cruzamentos e confrontos.

Desconfiança e inquietação são o resultado da suspensão momentânea dos limites fronteiriços. Assim se pode descrever a ousadia que quietamente incide sobre esta obra. Leandro Ferreira ousa a chamar lingüistas e analistas de discurso para juntos ver a linguagem como que pela primeira vez, dividindo o mesmo ambiente observatório, ou seja, o da linguagem ainda em estado selvagem, não submetida às crenças que nela são condição da língua.

Sob o viés da ambigüidade e do equívoco, a autora desenvolve um percurso que leva a pensar que, quer se esteja no campo da Sintaxe, quer no campo da Análise do Discurso, há uma língua que inquieta e por isso provoca resistência. O muro se ergue a partir do momento em que diferentes olhares vão explicar de diferentes maneiras o processo pelo qual a língua se põe em ordem para fazer sentido. Não se trata de olhar para o sentido por ele próprio. Nisto ambos os enfoques podem fechar questão. Sintaticamente, nos termos formalistas ou funcionalistas, o significado é um problema dado em outro âmbito a que a estrutura do enunciado cabe corresponder; discursivamente, o sentido é o efeito que o enunciado deve produzir no instante em que acontece.

Neste ponto é que Leandro Ferreira apresenta a perspectiva do real da língua. Seja para se conformar sintaticamente ao sentido logicamente pressuposto, seja para produzi-lo em circunstâncias históricas possíveis, a língua sobre a qual a autora se ocupa reunindo sintaxistas e discursivistas em uma mesma sala de conversa, vem deste real como o que não pode ser de outro jeito. O problema é erigir em certa zona de tensão um porto seguro que faça frente ao possível e ao impossível da gramaticalidade que dá passagem à língua. Trata-se do abismo do dizer que é sempre ambíguo e equívoco, não porque acumula sentidos excludentes em um só segmento, mas porque expõe a falha ameaçante como o próprio da língua, matéria do sintático e do discursivo.

De fato, ao resenhar o livro de Maria Cristina Leandro Ferreira, incito a uma leitura inquieta, a meu ver, a função de expressão na qual este texto deve ser reconhecido. Posso correr o risco de estar sendo impróprio, até mesmo diante dos propósitos da autora, mas a inquietação a que aludo aqui diz respeito justamente ao desconforto, ao deslocamento produtivos para confrontar pontos de vista radicalmente não-coincidentes sobre a língua. A propósito disso, o livro de Leandro Ferreira tem muito a dizer e a elucidar em um tempo em que a regra é cada um na sua praia.

Não se trata de converter os sintaxistas ao Alcorão do discurso, só porque estamos diante de um trabalho localizado na área da Análise do Discurso. Esta leitura, possível é claro, a pouco levaria em termos de avanço da reflexão. Muito mais instigante é, desde uma posição heterodoxa à referida no livro, experimentar um outro pensamento. As considerações analíticas que Leandro Ferreira nos traz no capítulo final sobre o chiste, o trocadilho, a charada são exemplares no que suscitam a ver como a forma sintática e o discurso se interdependem e caminham

um em direção ao outro. Ora se essas dimensões de linguagem manifestam-se assim dependentes, então se trata de subtrair. Muito além disso. Sem pretender tomar o discurso como denominador interpretativo homogêneo, é interessante como os fatos de ambigüidade que se vê apontados pela autora não vem como decorrência automática do aparecimento de uma forma. O que há de propriamente sintático aí sempre pode ser devolvido ao seu nicho. A verdade é que, sobre o que a forma sintática tem de ambigüidade e equivocidade, é possível entrever o modo de ser da língua pairando entre o discurso e a sintaxe: a resistência.

Nesta resenha abordo o livro de Leandro Ferreira como um texto que assim como foi escrito deve ser lido a vozes dissonantes. Nada impede que ele, em sua densa simplicidade, seja recomendado para uso em aulas e pesquisa em semântica, sintaxe e discurso, independente das filiações teóricas de quem dele lançar mão.